

**Professor: Arnin Braga**

**Disciplina: Introdução à Filosofia**

**Semestre: 1º de Teologia**

## **PARTE II: A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E TEOLOGIA AO LONGO DA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO**

### **Tema 05:**

#### **Filosofia e Teologia na Contemporaneidade**

### **1. INTRODUÇÃO**

A partir dos últimos anos do século XVIII, e durante todo o século XIX, tanto o mundo ocidental quanto o pensamento filosófico moderno mergulharam no “princípio da imanência” (NOGALES, 2003), na qual a razão humana já não se sentia atraída pela ideia de se fundamentar em um “dado transcendente” (NOGALES, 2003) que fosse exterior a ela. Mas buscava suas bases a partir de si mesma, ditando suas próprias regras e certezas para organizar a vida e levá-la a sua plenitude.

Este giro na forma de pensar o mundo e a filosofia se deveu principalmente pelas considerações de Kant em sua “Crítica da Razão Pura”, onde após uma análise minuciosa das estruturas do conhecer humano, chegou a conclusão de que o homem só pode conhecer aquelas realidades que estão no mundo dos fenômenos. A coisa em si – o “noumêno” – ou conceitos abstratos como Deus, alma e mundo, não podem ser conhecidos pela razão humana. A partir desta crítica de Kant, surge uma nova problemática: como postular conceitos e definições teológicas, visto que tais realidades são uma forma desprovida de matéria na realidade concreta? Sendo assim, após a “Crítica da Razão Pura” kantiana, qualquer postulado da razão deveria estar sujeito ao mundo dos fenômenos e da experiência. A imanência - entendida como sensibilidade, espaço e tempo – passa a ser um critério de possibilidade obrigatório para o conhecimento. Devido a este contexto, afirmou-se que após Kant ocorreu a “morte da metafísica” e a Filosofia despertou de seu “sono dogmático”, centrando-se agora em questões imanentes (que estão do espaço e do tempo). Em outras palavras, o fundamento da realidade existente não deveria mais ser buscado a partir de dogmas teológicos ou metafísicos, mas a partir da própria realidade imanente que toca o ser humano.

Neste sentido, Nogáles (2003) afirma que durante a Contemporaneidade vão surgir dois momentos na relação entre Filosofia e Teologia: o primeiro é um momento de “Oposição” entre Filosofia e Teologia, plasmado no pensamento dos chamados “Mestres da Suspeita” (Marx, Nietzsche e Freud); e o segundo é o momento de “Distinção”, onde os pensadores do século XX, principalmente aqueles influenciados pela Fenomenologia, retomam a necessidade de pensar a Fé como algo distinto à Razão, porém igualmente necessária para a vida humana; enquanto a Teologia reconhece a especificidade do conhecimento científico e racional e busca dialogar com a mesma. Vejamos agora cada uma dessas etapas.

## **2. A ETAPA DA OPOSIÇÃO ENTRE FILOSOFIA E TEOLOGIA NO SÉCULO XIX**

### **2.1 Karl Marx e a Teologia como Alienação**

Karl Marx (1818-1883) foi um filósofo alemão que viveu durante todo o século XIX. Sua vida se desenrolou no mesmo compasso dos avanços industriais deste século, e por isso ele foi capaz de analisar de perto os problemas da classe trabalhadora da época. A principal preocupação de seu pensamento não era ocupar-se das relações entre Filosofia e Teologia, mas perguntar-se: por que a riqueza gerada pelo capitalismo fica na mão de poucas pessoas, ou seja, apenas da burguesia?

No entanto, ao investigar as estruturas do Capitalismo, Marx entendeu que a Religião e a Teologia se revelam como meios de dominação utilizados pela burguesia para manter os trabalhadores submissos. Para entendermos bem os fundamentos dessa crítica social de Marx à Religião e à Teologia, faz-se necessário que, primeiramente, compreendamos seu chamado método materialista histórico-dialético.

#### ***a) O Materialismo Histórico-Dialético de Marx:***

Segundo Marx, A REALIDADE MATERIAL DOS HOMENS DETERMINA A SUA CONSCIÊNCIA, SUA FORMA DE ENTENDER O MUNDO. Em outras palavras, o contexto histórico, econômico, político e social é o que determina a forma como homem vê o mundo, suas ideias, o que ele acha certo ou errado, etc.

Além disso, esta REALIDADE MATERIAL é uma construção do homem. Para Marx, somos nós que a inventamos. Logo, se ela foi construída pelos homens, somente os homens podem TRANSFORMÁ-LA. Por isso, se queremos TRANSFORMAR O HOMEM em um

ser mais igualitário e justo – afirmava Marx – antes devemos TRANSFORMAR SUA REALIDADE MATERIAL. É a partir deste método que podemos entender todo o pensamento do filósofo em questão: ele acredita que a REALIDADE MATERIAL de seu tempo (o capitalismo industrial), apesar de ter trazido um avanço tecnológico muito grande para humanidade, trouxe consigo também a fome, a exploração dos trabalhadores, a pobreza extrema, etc. Para Marx, a REALIDADE MATERIAL de seu tempo (o capitalismo industrial) era uma realidade DESIGUAL que deveria ser ENTENDIDA E TRANSFORMADA.

Logo, antes de transformarmos a realidade – derrubando o capitalismo e implantando uma sociedade socialista – Marx afirmava que devemos compreendê-la. Segundo ele, a realidade do Capitalismo possui uma espinha dorsal chamada de INFRAESTRUTURA, e uma SUPERESTRUTURA que a protege. Vejamos de forma mais detalhada:

- **Infraestrutura:** a espinha dorsal do Capitalismo que, segundo Marx, funciona e sobrevive graças ao TRABALHO ALIENADO e a MAIS-VALIA. Tirando as ferramentas do trabalhador, o burguês o obriga a apenas vender sua força de trabalho (trabalho alienado). Além disso, o burguês não paga o trabalhador segundo o que ele produz, mas sim, o tempo gasto no trabalho. Assim, mesmo que o trabalhador produza muito, ele ganha somente pelo tempo que trabalhou, gerando lucros ao burguês (mais-valia).
- **Superestrutura:** Segundo Marx, ninguém em sã consciência aceitaria estas condições injustas do sistema de trabalho capitalista. No entanto, a burguesia cria uma série de instituições e estruturas para ocultar essa injustiça e “vendê-la” como liberdade. Essas superestruturas que alienam o trabalhador são: o Estado Liberal, o Direito, a Moda, a Mídia, a Educação e a Religião.

### ***b) Crítica de Marx à Teologia e à Religião***

Uma vez entendido como funcionam a infraestrutura e a superestrutura do Capitalismo, Marx afirmará que a Religião e a Teologia cristã nada mais são do que elementos da superestrutura do Estado Capitalista, que servem para iludir, dopar, apaziguar e docilizar o trabalhador. Mas como corre essa alienação do trabalhador por meio da Religião? Segundo Marx, uma vez que a religião cristã prega a existência de uma realidade metafísica para além da realidade material, e afirma que se os trabalhadores se resignarem aos sofrimentos e injustiças da sociedade capitalista eles terão recompensas na vida eterna, estes não conseguem abrir seus olhos para a realidade material e para as contradições do trabalho

capitalismo. Com isso, devido ao apaziguamento proporcionado pela religião, a classe trabalhadora não toma consciência de sua condição de explorada e sempre se submete aos ditames da burguesia.

Neste sentido, Marx afirmará que a Religião e a Teologia devem ser combatidas. Para que assim ocorra a tomada de consciência, por parte do proletário, de sua condição. E a partir disso, lutar para superá-la.

## **2.2 Friedrich Nietzsche e a Teologia como Moral dos Fracos e Ressentidos**

O pensamento de Nietzsche (1844-1900) busca recuperar no ser humano uma esfera de seus comportamentos que muitas vezes ficou de lado nas discussões filosóficas: as forças vitais e instintivas (a vontade). Nietzsche afirmava que a vontade e suas forças vitais sempre foram erroneamente subjugadas pela razão. Repressão essa que, segundo ele, iniciou-se com o pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles (com a “enkratéia”) e tornou-se dominante a partir do apogeu do cristianismo e sua ideia de pecado.

Essa desconfiança na vontade e nos instintos fez com que o ser humano se torna-se fraco, doentio, sentindo-se constantemente culpado e numa luta interminável com suas paixões. Nesse sentido, Nietzsche propõe uma moral que pretende libertar o homem destas amarras e torná-lo verdadeiramente humano: uma moral que o faça viver a vida tal como ela é, com seus instintos, vontades e paixões. Vejamos brevemente os principais pontos do pensamento de Nietzsche.

### ***a) A Vida é conflito de forças e Vontade de Poder***

Para que possamos entender bem o pensamento de Nietzsche, temos que ter em mente uma coisa: para ele apenas existe a vida tal como ela é. O único mundo possível é este no qual vivemos e, por isso, tanto a filosofia quanto nossa vida devem então prender-se a ele. Nietzsche afirmava que para nós o mais importante é a Vida tal como ela é. Mas como a Vida se apresenta a nós? Como constante trânsito, fluxo, nascer e morrer, movimento; energia contra energia, enfrentamento, conflito e luta de forças; vitória de alguns, derrota de outros; ganho de potência, perda de potência. Assim Nietzsche caracterizava o mundo da Vida ou a Vida tal como ela é.

### ***b) A Moral dos Fortes e a Moral dos Fracos***

Segundo ele, em tudo o que existe (tanto nas forças físicas quanto nos seres vivos) está uma Vontade de Poder, isto é, um impulso que nos faz buscar vida, poder e espaço neste fluxo contínuo e conflituoso que é a realidade. Sempre buscamos a vida, mas não como um instinto de sobrevivência (como dizia Darwin), mas como um impulso de nossa Vontade de Poder.

Segundo Nietzsche, neste conflito de forças que é o mundo da Vida, o “forte” é aquele que impõe sua Vontade de Poder e o “fraco” é aquele que não consegue se impôr. Vale ressaltar que para Nietzsche, a Vida tal como ela é não nos impõe nenhum princípio moral. No mundo da Vida não há o “bom” e o “mau”. A bondade e a maldade dependerão sempre da Vontade de Poder dos fortes. O forte, aquele que domina, é aquele que decide o que é “bom” e o que é “mau”. A Moral do Forte é dar plena vazão à sua Vontade de Poder para que ele crie para si mesmo o que é “bom” e o que é “mau”. “Bom” é sempre o que está de acordo com a vida, com o ganhar mais potência; enquanto “mau” é tudo aquilo que faz com que se perca potência. Para Nietzsche, a moral é sempre uma questão relativa: dependerá de quem detém o poder.

E como ficam aqueles que não detêm o poder? Aqueles que durante o conflito de forças não conseguem impor sua vontade de Potência? Para eles, o mundo da Vida tal como ela é – constante movimento, fluxo de energias, conflito de forças – é sofrimento atrás de sofrimento, é um mundo de incertezas e tristezas, é um mundo insuportável. Os fracos desejam vencer também, mas sabem que neste mundo onde a vida é constante conflito de forças será muito difícil vencer aos fortes. O que eles fizeram então para conseguir “puxar o tapete”? Nietzsche responderá: “se eles não conseguem se adaptar a este mundo, a solução é criar um outro mundo! Um mundo ideal, transcendente, além deste”.

Se este mundo da Vida tal como ela é se mostra como um fluxo contínuo, em constante movimento; os fracos inventarão um outro mundo no qual não existe movimento, tudo é imutável, estático, eterno. Se este mundo da vida se apresenta aos fracos como um mundo injusto, na qual eles estão sempre sendo derrotados; a solução então é criar um outro mundo na qual existe a Justiça, onde o fraco e humilhado será exaltado, onde o pobre e desgraçado alcançará a alegria plena. Pouco a pouco a Vida tal como ela é vai perdendo espaço e importância frente à uma outra vida: a vida após este mundo, uma suposta “vida eterna”, onde tudo o que fraco não pôde alcançar neste mundo, será alcançado neste “mundo ideal”, neste “paraíso”. O forte, por sua vez, será julgado e condenado. Não poderá ter essa “vida eterna”, nem entrar nesse “paraíso”. É assim que, segundo Nietzsche, surge a Moral dos

Fracos, na qual se nega a Vida tal como ela é em detrimento de uma outra vida ideal, perfeita, eterna... que virá como recompensa.

Na Moral dos Fracos, o forte passa a ser o “malvado”, e o fraco passa a ser o “bom”. Pois segundo esta Moral dos Fracos já existe neste mundo ideal um principio supremo de Bondade, que ditará a todos o que é ser “mal” e o que é ser “bom”. E segundo Nietzsche, o principal responsável por essa inversão e negação da Vida tal como ela é, é o principio supremo que as religiões chamam de Deus.

### ***c) “Deus está morto”***

É somente entendendo o caminho trilhado por Nietzsche até aqui, que poderemos compreender corretamente o que Nietzsche quis dizer com esta afirmação (que foi muito mal-entendida ao longo da história). Quando este filósofo afirma que “Deus está morto” ele quer ANUNCIAR O FIM DE UMA FORMA DE PENSAR. Isto é, Nietzsche quer denunciar que toda esta ideia de que existe um mundo além deste, uma vida além desta, que por si são superiores ao mundo tal como ele é e como se apresenta para nós, não passa de uma ideia falsa.

Quando Nietzsche diz “Deus está morto”, ele quer dizer que esta visão dualista de vida deve “morrer”, pois ela é apenas uma invenção dos fracos e ressentidos, daqueles que não conseguem se adaptar ao mundo tal como ele é: um mundo de conflitos, luta, Vontade de Poder. O conceito de Deus é uma invenção dos fracos para poder suportar esse mundo e submetê-lo a outro. Por isso, Deus deve “morrer” – afirmará Nietzsche – pois ele é o conceito que dá sustentação a toda esta visão da Moral dos Fracos. Somente eliminando o conceito de Deus, o homem poderá recuperar a visão da Vida tal como ela é. E poderá ser verdadeiramente homem, ou melhor, o “além-do-homem” ou “super-homem” (*Übermensch*).

### ***d) A verdadeira vida: ser um super-homem***

Logo, para Nietzsche, verdadeiramente livre é o homem que se livra de toda esta visão pregada pela Moral dos Fracos. Quando o ser humano se desvencilha desta visão dualista de mundo, na qual esta vida é passageira e a mais importante é a vida eterna; quando ele se desvincula dessa visão na qual seus desejos de potência são “pecados”, enquanto correto e justo é ser manso e dócil; quando ele finalmente percebe que não existe um principio ordenador de tudo, uma Causa Primeira que tudo vê e julga, mas nota que a única vida

possível é esta, e que ela é constante movimento, luta, enfrentamento de forças e vontade de potência... o homem se torna um “Übermensch”, isto é, um super-homem, torna-se verdadeiramente livre. E ao descobrir que não existe um princípio metafísico que lhe diga o que é “bom” e o que é “mau”, o próprio homem criará seus valores morais. “Bom” será aquilo que promove a vida tal como ela é; enquanto “mau” será tudo aquilo que obstaculiza a vida tal como ela é a vontade de potência.

Logo, para Nietzsche, a religião e a Teologia são apenas um produto da Moral dos Fracos. Elas são responsáveis por tornar o homem fraco, doentio, culpado e submisso. Segundo ele, é preciso que a religião e a teologia desapareçam para que o ser humano finalmente possa voltar a entrar em contato com sua verdadeira humanidade, com sua Vontade de Poder e, assim, ser verdadeiramente livre.

### ***2.3 Sigmund Freud e a Teologia como projeção de uma ilusão***

Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico judeu-austriaco que se ocupou inteiramente sobre a questão da possibilidade de uma liberdade interior. Ele não foi o inventor da Psicologia, mas foi um dos seus grandes propagadores, sendo considerado como o “pai da Psicanálise”. Sua principal preocupação nunca foi a crítica e negação da Teologia e da Religião, no entanto, suas descobertas inevitavelmente o levaram a negar a utilidade da religião para a liberdade interior do ser humano. Antes de entrarmos em sua crítica à religião e à teologia, vejamos alguns aspectos de seu pensamento.

#### ***a) O ser humano: id, ego e superego***

Por ser médico e neurólogo, Freud trabalhou por muito tempo com pessoas afetadas por problemas psiquiátricos, tais como histeria, esquizofrenia, etc. Em suas análises, Freud foi notando que nem sempre a Razão domina as nossas ações: o homem não é apenas um ser racional como os racionalistas do século XVII e os Iluministas do século XVIII pensavam. Muitas vezes, são os impulsos irracionais que determinam o que pensamos, o que sonhamos e fazemos. Estes impulsos irracionais podem ser expressão de pulsões profundas ou de necessidades. Tão importante como a necessidade de mamar do recém-nascido é o impulso sexual do ser humano, por exemplo. Em si, isso talvez não fosse uma verdadeira descoberta, mas Freud mostrou que nossas necessidades profundas podem ser “camufladas” ou “transformadas” e dominar assim as nossas ações sem que tenhamos consciência disso.

Sendo assim, para Freud existe sempre uma tensão entre o ser humano e o ambiente que o rodeia. Mais precisamente, trata-se de uma tensão, ou de um conflito, entre as pulsões e necessidades do homem e as exigências do mundo externo.

Para ele, o homem é um ser de necessidades. Primeiramente, quando somos bebês vivemos de modo direto e sem constrangimento as nossas necessidades físicas e psíquicas. Se não nos dão leite, choramos, gritamos e logo somos saciados. O mesmo ocorre quando as fraldas estão molhadas. E exprimimos diretamente o nosso desejo de contato físico e de calor humano. Freud chama a este “princípio de prazer” de “ID”. Quando somos bebê, somos quase apenas “id”. O “id” está presente em nós durante toda a vida, mas pouco a pouco aprendemos a controlar os nossos desejos e a adequar-nos às circunstâncias. Aprendemos a adaptar as pulsões instintivas ao “princípio de realidade”. Freud diz que construímos um “eu” (ou EGO) que tem esta função reguladora. Mesmo se desejamos algo, não podemos simplesmente pôr-nos a gritar até que os nossos desejos ou necessidades sejam satisfeitos. Pode acontecer de desejarmos algo intensamente e, simultaneamente, o mundo não o aceitar. Nesse caso, temos de “reprimir” os nossos desejos, ou seja, tentamos afastá-los ou esquecê-los.

Freud tem ainda em conta uma terceira instância na mente humana: desde a infância confrontamo-nos constantemente com as obrigações morais impostas pelos pais e pelo mundo exterior. Quando fazemos alguma coisa errada, os pais dizem: “Isso não!”, ou “Que vergonha!”. Mesmo na idade adulta trazemos conosco um eco dessas obrigações morais e dessas condenações. As convenções morais do mundo externo parecem ter penetrado em nós e terem-se tornado parte de nós. A isso chama Freud “SUPEREGO”. Num passo, Freud diz efetivamente que o Superego se coloca perante o Eu como consciência moral. Mas aquilo que importa a Freud é que em primeiro lugar o Superego nos dá sinal de si quando temos desejos “indecorosos” ou “inconvenientes”, principalmente se se trata de desejos eróticos ou sexuais. Pessoas que possuem um sentimento de culpa muito acentuado geralmente são dominadas mais por seu Superego, enquanto pessoas que são muito lascivas e impulsivas, são dominadas mais pelo Id. Freud dizia que a construção de nosso “Eu”, de nosso “Ego”, de nossa personalidade, deve buscar o equilíbrio entre essas duas instâncias.

Desse modo, após uma longa experiência na cura dos doentes, Freud chegou à conclusão de que a “consciência” ou a “Razão” constitui apenas uma pequena parte da mente humana. A parte consciente é comparável à ponta de um iceberg que vemos sobressair da água. Sob a superfície da água, — ou sob o limiar da consciência — há o “inconsciente”.

### ***b) O Inconsciente e a repressão dos sentimentos***

O inconsciente não é tudo aquilo que não nos lembramos, mas é tudo aquilo que reprimimos por serem coisas desagradáveis, indecentes ou repugnantes. Se temos desejos ou vontades que são intoleráveis para a nossa consciência — ou para o super-ego, — eles são reprimidos para o inconsciente.

Este mecanismo funciona em todas as pessoas sãs, mas manter longe da consciência os pensamentos desagradáveis ou proibidos exige tal esforço que provoca problemas nervosos. Aquilo que é reprimido tenta reemergir por si na consciência, de forma que cada vez mais energia tem de ser usada para manter os impulsos desse gênero longe da consciência. Quando Freud deu lições sobre a psicanálise em 1909 nos EUA, explicou com um exemplo simples o funcionamento deste mecanismo de repressão: “Imaginemos que nesta sala se encontra um indivíduo que me perturba e distrai rindo de um modo insolente, falando e batendo com os pés. Declaro que assim não posso continuar a conferência e, nessa altura, alguns homens robustos levantam-se e depois de uma breve luta lançam fora o importuno. Ele é assim ‘removido’ e eu posso continuar. Para que não haja mais distúrbios, caso o indivíduo tente entrar novamente na sala, os homens que executaram a minha vontade põem as suas cadeiras à porta, feita a remoção, e ficam lá como ‘resistência’. Se imaginarmos a sala como o consciente e o corredor como o inconsciente temos uma boa imagem do processo de repressão.”

Mas o indivíduo quer voltar a entrar. Por isso, vivemos sob uma “pressão” constante devido aos pensamentos reprimidos que tentam emergir do inconsciente. Por esse motivo, dizemos ou fazemos frequentemente coisas sem querer e, deste modo, as reações inconscientes dominam os nossos sentimentos e as nossas ações. Que reações inconscientes são essas:

- **Ato falho:** quando dizemos ou fazemos coisas que queremos reprimir. Por exemplo: quando terminamos um relacionamento e dizemos conscientemente que já esquecemos a outra pessoa, mas de vez em quando “soltamos” o nome dela sem querer. Isso ocorre porque os sentimentos que ainda sentimos por essa pessoa estão sendo reprimidos no inconsciente, e eles querem sair de algum modo, encontrando essa “válvula de escape”.

- **Racionalização:** quando damos razões e motivos diferentes da verdadeira causa de um acontecimento, justamente porque essa verdadeira causa é desagradável. Exemplo: você chegou atrasado a um compromisso porque dormiu demais. E como essa verdadeira causa de

seu atraso é desagradável demais, pois você poderá ser considerado uma pessoa preguiçosa. Simplesmente você usa sua razão para inventar outras causas: o trânsito estava horrível, fui deixar as crianças na escola, ocorreu um acidente, etc.

- **Projeções:** projeto no outro aquilo que não gosto em mim. Por exemplo: se sou uma pessoa extremamente exigente com os outros, e isso me incomoda, acabo por pensar que na verdade são outros que são muito exigentes comigo. Se sou uma pessoa que costuma fofocar sobre a vida dos outros, nunca reconheço isso. Na verdade, afirmo sempre que os outros é que se metem na minha vida. Etc.

- **Os Sonhos:** é o lugar privilegiado de manifestação de nossas necessidades reprimidas no inconsciente. Geralmente, aquilo que não podemos expressar em nosso dia-a-dia, aparece por meio de figuras simbólicas em um sonho. Por exemplo, você ficou com muita raiva de seu professor porque ele te deixou em recuperação. Mas você não pôde expressar essa raiva porque ficou com medo das consequências desse ato. Então você dorme e acaba sonhando que você luta contra pincéis atômicos, ou simplesmente, deve queimar uma pilha de papéis. Estas imagens de seu sonho parecem sem sentido, mas elas expressam um desejo inconsciente que você reprimiu: a raiva de seu professor, simbolizada em sua luta contra os pincéis atômicos ou na queima dos papéis, provavelmente as apostilas de seu professor de Filosofia.

### ***c) A Religião como projeção de uma ilusão***

Ao observar a Religião, Freud postulou que a mesma se trata de apenas uma projeção feita pelo nosso inconsciente. Segundo ele, quando somos bebê, amamos e ao mesmo tempo odiamos ao nosso pai (Complexo de Édipo). A figura paterna é a primeira que nos separa da união prazerosa com a mãe e com o vínculo maternal. Neste sentido, o bebê vive inconsciente essas rupturas e contradições dentro de si.

Quando nos tornamos crianças, aquele ódio inicial pelo pai desaparece. A figura paterna a representar para a criança um poder onipotente, onipresente e super protetor. O pai é idealizado, o herói, que tudo pode resolver e que nos protege de qualquer perigo. No entanto, a medida que vamos entrando na vida adulta, essas idealizações que fizemos na figura do pai começam a se desfazer. Começamos a tomar consciência que a figura paterna é tão limitada, contraditória e finita como nós. Isso gera no ser humano um sentimento de orfandade, insegurança e solidão tão grandes, que tais sentimentos são reprimidos ao inconsciente. Mas

como tudo o que é reprimido ao inconsciente retorna, esta saudade de um pai ideal que nos protege de tudo retorna por meio de uma projeção: Deus. O ser humano projeta todas as qualidades ideais que gostaria de ver em seu pai real, em uma figura divina. Agora, o onipotente, o onipresente, o super protetor, aquele que nos livra de todo mal, é Deus. Logo, segundo Freud, toda a religião e toda teologia não passam de uma projeção ilusória em uma divindade, dos anseios mais profundos do ser humano.

### **3. A ETAPA DA DISTINÇÃO E COMPLEMENTARIDADE ENTRE FILOSOFIA E TEOLOGIA NO SÉCULO XX**

#### **3.1 A Fenomenologia de Edmund Husserl**

Nos últimos anos do século XIX e principalmente na primeira metade do século XX, surge um novo método filosófico que revolucionaria muitos aspectos da Filosofia e da Ciência e, principalmente, no que tange a relação destas duas áreas com a Teologia. Este método foi a Fenomenologia, inaugurada em grande parte pelo filósofo judeu alemão Edmund Husserl (1859-1938). Apesar de que nunca foi intenção de Husserl usar sua metodologia para fazer uma defesa da Teologia, sua fenomenologia abriu espaço para que muitos de seus alunos e outros pensadores posteriormente refletissem a teologia sob a luz da fenomenologia, como foi o caso de Edith Stein, Rudolf Otto, Karl Rahner, etc.

Husserl, questionando o método criticista de Kant, afirmava que a limitação deste foi fechar a análise da realidade nas estruturas do sujeito, sem falar absolutamente nada da realidade que está fora do sujeito e em relação com ele. Husserl afirmava que não basta só investigar a consciência humana e suas estruturas, mas principalmente, devemos ter em mente de que a consciência humana sempre está aberta a relação com a realidade a seu redor. Segundo este filósofo, ter consciência é sempre “ter consciência de algo”. O ato do pensar nunca está separado da realidade que nos rodeia, do mundo. Por isso, diferente de Kant, a máxima de Husserl era “voltar às coisas mesmas”, ou seja, partir de um método que não se feche apenas no sujeito e suas impressões a respeito da realidade, mas relacionar-se com as coisas mesmas e notar como elas se mostram à consciência humana.

Nesse sentido, Husserl afirmava que todo o conhecimento começa com a experiência de coisas existentes, isto é, a partir dos fatos. Um fato, segundo ele, é o aqui acontece aqui e agora. Os fatos sempre são contingentes, no entanto, por trás de cada fato ou de um conjunto de fatos, existe uma “essência comum”. Por exemplo, quando escutamos uma música

religiosa (um fato), e depois escutamos uma música profana (outro fato). Já no fato de escutar ambas músicas já conseguimos distinguir o estilo musical de uma e de outra sem nenhum tipo de reflexão teórica. Como? Segundo Husserl, isso ocorre porque por trás das músicas religiosa e profana já se revela uma essência comum que é captada pela consciência. Em outras palavras, um modo de aparecer característico se apresenta em uma música e em outra, o que nos permite distingui-las.

Dessa forma, para Husserl, o conhecimento da essência não surge da comparação de vários fatos (algo a posteriori), mas para podermos comparar os vários fatos semelhantes é preciso, de antemão, já ter captado uma essência comum, um modo característico destes fenômenos se mostrarem à consciência. Por isso, Husserl afirmava que a Fenomenologia não é uma ciência de fatos, mas sim uma ciência de essências, porque o objetivo do método fenomenológico é o de descrever esses modos típicos (essências) com os quais os fenômenos se apresentam à consciência. Um modo típico é a forma como determinados fenômenos sempre apresentam à consciência, formas essas que os fazem ser captados sempre de uma maneira e não de outra. E isso ocorre porque, por trás dos fatos, a consciência já captou uma essência comum.

Desse modo, Husserl notou que por meio deste método fenomenológico, seria possível analisar realidades que estavam excluídas da Filosofia desde a reviravolta kantiana, como a religião e a teologia, por exemplo. A religião, segundo a fenomenologia, não é uma mera invenção humana – como diziam os mestres da suspeita – mas é um fato que se apresenta à consciência. Isto é, certos aspectos da realidade sempre se mostram ao ser humano somente a partir de uma certa religiosidade. Logo, deve existir uma essência da Religião.

A partir dessas considerações, pode-se imaginar que Husserl recai novamente no objetivismo da Filosofia Antiga e Medieval onde se acreditava que o objeto independe do sujeito. No entanto, Husserl dirá justamente o contrário: não há uma separação teórica entre sujeito e objeto. Mas os objetos sempre existem para uma consciência, e a consciência só se percebe a partir dos objetos. Para explicar melhor esta relação de unidade entre sujeito e objeto, Husserl utiliza o termo “intencionalidade da consciência”. A palavra “intencionalidade” aqui significa “abertura”. Quando temos a intenção de fazer algo é porque já há uma abertura de nossa parte com relação a este algo. Pois bem, Husserl afirmava que nossa consciência nunca é uma realidade isolada, mas é sempre consciência de alguma coisa, sempre está aberta à percepção da realidade. Em outras palavras, se eu penso o “eu”, este eu só pode ser pensado porque já estou em relação, aberto a.

No entanto, esse processo não é tão simples, ele requer a utilização do que Husserl chamou de “epoché”, ou seja, a suspensão do juízo. Antes de analisarmos uma determinada realidade, devemos colocar entre parênteses todas nossas pré-concepções sobre aquela realidade e captar como aquele fenômeno se revela à nossa consciência. Logo, antes de analisar a Religião, por exemplo, devemos deixar entre parênteses todas as nossas pré-concepções a respeito deste fenômeno e deixar que ele se mostre à nossa consciência a partir de sua essência comum. Com esta metodologia, Husserl abriu novamente as portas da Filosofia para a metafísica e para o diálogo com a Teologia cristã. Muitos pensadores, filósofos e teólogos foram influenciados pelo seu método. Dentre eles, vamos destacar a filosofia de Karl Jaspers.

### **3.2 Das experiências do Fracasso à Transcendência: Karl Jaspers**

O médico e filósofo alemão Karl Jaspers (1883-1969) afirmava que a existência humana singular nunca pode ser objetivada pela ciência ou por qualquer ideologia, pois ela é muito valiosa para ser tratada como um objeto. A existência humana, que se dá sempre no horizonte da finitude, revela sua grandeza a partir das experiências profundas do ser humano. Que experiências profundas são essas? Vejamos o que Jaspers nos diz a respeito.

#### ***a) O Espanto***

Para Jaspers, todo processo de reflexão do ser humano inicia-se através da atitude do espanto. Como já diziam Platão e Aristóteles na Grécia Antiga, é o espanto do ser humano com a natureza e com a existência que o leva a refletir, a buscar explicações, a tentar entender. O espanto é o primeiro motor para as questões profundas da existência. Quem não se espanta com nada, também não reflete sobre nada. Acaba acreditando que tudo é normal, corriqueiro e conhecido.

#### ***b) A Dúvida e a Certeza***

O espanto leva a dúvida. O espanto nos leva a questionar a realidade: “Por que as coisas são assim e não de outro modo?”; “Quem sou eu?”, etc. Jaspers ressalta que a dúvida e os questionamentos filosóficos não buscam negar tudo, deixar o homem confuso, revoltado. Duvidar não é ser cético. A dúvida filosófica é a dúvida metódica, isto é, duvidar de tudo para

se buscar uma certeza. Duvida-se para fundamentar o conhecimento em bases sólidas. Para se ter realmente certeza das coisas do mundo e da existência.

### ***c) As Situações-Limite***

Segundo Jaspers, as certezas alcançadas pelo exercício da dúvida metódica nos dão segurança e estabilidade quanto aquilo as finalidades práticas da vida, do cotidiano, da existência corriqueira e sem muita reflexão. No entanto, se o ser humano levar a sério o espanto e as dúvidas da existência, notará até mesmo que as certezas alcançadas nunca nos dão total paz. Pois elas, uma e outra vez, se chocarão com o que Jaspers chamou de experiência das situações-limite.

O ser humano sempre está lançado há uma situação. A maioria das situações são passageiras e até mesmo corriqueiras. Mas há situações que sempre surgirão na existência humana: a morte, o sofrimento, o acaso, a liberdade, a culpa, o sentido, a felicidade...

Destas situações não há como escapar. São elas que apresentam, juntamente com o espanto e a dúvida, os limites da existência. Somente a partir delas podemos transcender as falsas certezas que nos dão certa segurança e, com o pensamento, refletir sobre o sentido mais profundo de nossa existência. A tais situações, Jaspers chamou-as de “situações-limite”. Não podemos jamais mudar ou evitar estas situações-limite. O único que podemos fazer frente a elas é tentar esclarecê-las, mas não para mudá-las, mas para mudar a nós mesmos. Quando nos encontramos com estas situações-limite, todas nossas certezas abstratas falham, todos nossos mecanismos, costumes, artimanhas... Terminam em fracasso. Tais situações nos apresentam o limite de nosso ser. Provocando-nos à uma reflexão profunda de nossa existência e transformação de nosso ser.

Segundo Jaspers, as situações-limite revelam que o ser humano nunca pode ser conhecido em sua totalidade. Só podemos conhecer aspectos de sua existência que nos ajudam a intuir o que ele é, mas nunca alcançamos sua plenitude. Toda ciência ou conhecimento humano que afirmou conhecer o ser humano em sua totalidade (fechando-o em “quadrado”), tornou-se ideologia, transformando a existência humana em objeto e “coisificando” o homem. Todas as teorias que afirmam conhecer o homem em sua totalidade, fracassaram no intento (e aqui Jaspers lança sua crítica à Freud, Marx e Nietzsche).

Neste sentido, Jaspers afirma que toda tentativa de englobar a totalidade do ser humano em uma ideologia fracassa justamente pela existência humana ser livre. O ser humano sempre é apelado a responder, a escolher. Nunca pode justificar-se por

determinismos ou ideologias que justifiquem seus comportamentos. Suas ações serão sempre respondidas por ele mesmo. Qualquer determinismo fracassa frente a esta liberdade, que é uma situação-limite. Segundo Jaspers, o fundamento da liberdade humana não é o próprio ser humano, mas uma realidade exterior a ele: Deus.

Para Jaspers, todos nós somos conscientes de nossa liberdade. Sabemos que, diferente de todo mundo natural, não obedecemos exclusivamente as leis naturais, mas somos livres. Logo, a liberdade não é uma realidade que “vem de fábrica” em nós, mas é uma realidade concedida. Sempre que somos autenticamente livres, descobrimos que não o somos por força própria, mas graças a outro: Deus. A situação-limite da liberdade revela que até mesmo a tentativa do ser humano de fundamentar-se em si mesmo fracassa, pela grandiosidade da liberdade existente em nós. Liberdade esta que aponta para um Outro. Qualquer análise fenomenológica da liberdade humana aponta que há uma intencionalidade, uma abertura da mesma com relação a algo que transcende ao ser humano.

Em sua análise, Jaspers revela que toda tentativa do ser humano de fundamentar sua existência em si mesmo esbarra em situações limites e fracassa. Este fracasso, no entanto – longe de provocar o mergulho do ser humano em um pessimismo mórbido – o leva ao encontro de uma realidade fundamental: a transcendência.

Esta transcendência é:

- **Horizontal:** a existência humana não encontra fundamento nela mesma, mas sempre está para além de si (no mundo, com os outros, etc)
- **Vertical:** o fracasso da existência humana em se fundamentar em si mesma aponta para uma realidade além: Deus.

#### ***d) A Transcendência***

Da mesma forma que a existência não pode ser objetivada em uma ideologia, o mesmo passa com a realidade transcendente. A transcendência só pode ser experimentada nas situações-limite. É inacessível a qualquer conhecimento objetivante, porque não é um objeto. Ela também não é uma invenção humana, mas surge, brota na existência, por meio do fracasso proveniente das situações-limite. E como a captamos? Por meio do que Jaspers chamou de “cifras”.

A cifra é uma linguagem simbólico. Todo símbolo presencializa, evoca algo, sem ser de fato esse algo. Por exemplo, a imagem de um coração é um símbolo que evoca e presencializa o amor, mas não é o amor em si. O mesmo ocorre com a cifra de uma música.

Ela presencializa a música, revela que há uma música presente ali, mas não é a música. Para Jaspers, o transcendente só pode ser captado pelo ser humano por meio de uma linguagem cifrada. E o que são as cifras? As situações-limite da existência que apontam para a transcendência. A situação-limite e o fracasso não são a transcendência, são apenas as cifras (símbolos) que presencializam essa realidade na existência humana.

#### 4. CONCLUSÃO

Sendo assim, tanto a Filosofia de Jaspers quanto o método fenomenológico apresentarão uma nova forma de relação entre Filosofia e Teologia. Jaspers e a Fenomenologia exploraram os limites da razão humana e de seu conhecer a partir da relação íntima com a própria realidade que nos cerca e sua abertura à nossa consciência. E a descoberta dos mesmos foi que a existência humana é incapaz de fundamentar-se a si mesma por si mesma. Logo, qualquer tentativa religiosa e teológica que busque se apresentar como uma solução transcendente a esta necessidade humana de um fundamento é válida e não tem porque se excluída ou taxada de ilusão. As portas da Filosofia se abriram para um diálogo frutífero com as propostas religiosas e teológicas existentes na história do ser humano.

#### REFERÊNCIAS

GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: E.P.U, 1989.

JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

SANCHÉZ, J.L. Nogales. *Filosofia y Fenomenología de la Religión*. Editorial Ágape: Salamanca, 2003.